

Elisa, quem é Elisa?



Passei a semana pensando em *Elisa*. Hoje, de modo mais intenso, *Elisa* estava em todos os cantos. Retirei-me do quarto e lá estava ela na varanda, soprando meus cabelos. Fui para a cozinha e vi os restos do iogurte que deixara. A lichia ... como podia agora ser tão sensual?! Que incômodo. Elisa invadiu meu dia.

Sem costume de ter uma visão voluptuosa da vida, vi-me sem saber como falar de *Elisa*.

... então decidi experimentá-la...









Passei a semana pensando em *Elisa*. Hoje, de modo mais intenso, *Elisa* estava em todos os cantos. Retirei-me do quarto e lá estava ela na varanda, soprando meus cabelos. Fui para a cozinha e vi os restos do iogurte que deixara. A lichia ... como podia agora ser tão sensual?!
Que incômodo. Elisa invadiu meu dia.

Sem costume de ter uma visão voluptuosa da vida, vi-me sem saber como falar de *Elisa*.

... então decidi experimentá-la...

... e dá-la a outros...

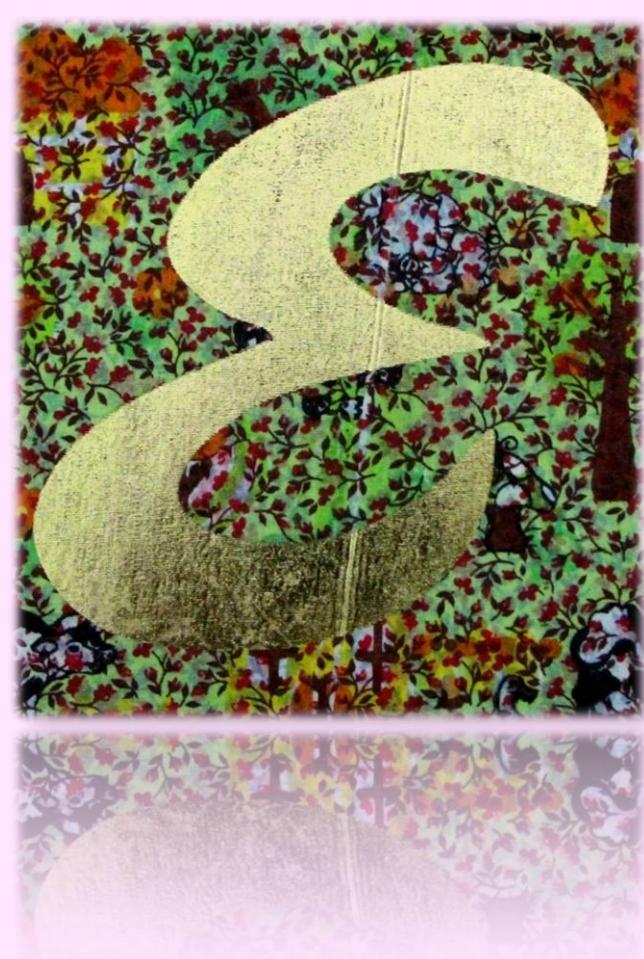












Sobre Elisas

Apontamento II, pp.138-139.



Quanto mais penso em *Elisa*, mais se torna evidente a necessidade de se repensar.

No geral, excessos deixam a visão turva, exigem meios mais eficazes de seleção. Em sua biblioteca, um bibliófilo cria seu próprio método de organização – por assunto, por tamanho dos livros, pelas cores de capa, datações ou por escala afetiva –, mas deixa escapar volumes que por alguma especificidade não se encaixam nos critérios. Cria-se a seção *conferir depois*. Se o bibliófilo está no começo de sua coleção, há uma grande vantagem por se incomodar com uma seção não pensada. O incômodo gera interesse e o faz rever todos seus títulos, criando novos laços.

Em bibliotecas abertas ao público e de grande dimensão, os critérios são impessoais. Títulos e páginas são apenas dados. Mesmo na estante, algumas obras são esquecidas. Contudo, o acesso livre cria outro tipo de relação. Feche os olhos (ou não). Pense na biblioteca que você frequenta. É possível caminhar até sua estante, encontrar seus livros e ainda ter uma visão geral do espaço. É inevitável, a frequência gera posses. Parte meu coração saber que saindo da universidade eu preciso deixar para trás meus livros. Eles ficarão bem? Provável, porque devem ser também de outra pessoa.

É este *ser de outro* que os tornam vivos.



Entre a galeria e minha estante pulsam algumas obras. Já ouvi discussões sobre “por que catálogos?” durarem horas. Conversas cansativas (às vezes necessárias). A questão é complexa, alcança outras perguntas, mas há respostas mais simples para a pergunta geradora.

- De qual exposição você lembra?

- Daquela que tenho o catálogo / A que eu pesquisei / A que fotografei / A que [verbo]...

É preciso o mínimo de ação e envolvimento.

Quando o problema é financeiro, existe o catálogo digital gratuito; quando o problema é falta de tempo, existem pessoas que adorariam ajudar a compor a catálogo (amigos/colaboradores); quando o problema é falta de interesse, não existe exposição.

Não é preciso que a obra esteja ali, diante do sujeito, para que ela exista. Mas é necessário que ela o atinja, que invada seu espaço e seu pensamento. São os desdobramentos da exposição a seiva da obra.

Um público ameno passa os olhos e os narizes com o padrão de bolha-rosa tropicalista, sente alguma espécie de enjojo e constrangimento reprimido, uma vontade rir e uma vergonha por identificação. Um público ameno repassa seu olhar asséptico, de quem se crê sujeito asséptico e



vai embora, no elogio ou no xingamento. Com algum tempo e algum empenho crítico e institucional é possível vencer a caça as bruxas dos pecados equatoriais e construir uma compreensão das boas qualidades do avantajado barroquismo midiático. Mas esse tom de estagnação é muito pior que a ânsia de vômito do puritano recalcado que tem medo da cor vibrante. É importante não estabelecer uma fixidez para as memórias de quem não pode recontá-las. Se obras de arte devem morrer é mais que certo que costumam deixar famílias saudosas. Filhos com os mesmos olhos, sobrinhos com os mesmos tiques, irmãos que ainda escutam as mesmas músicas. Junte todos num fim de ano e a obra volta a pulsar, memorável, latejante e inchada de vida.

O melhor modo de lidar com algo que merece ser mantido na tensão ondulante do dia-a-dia é frutificar de sua energia. *Fazer algo pelo que é feito*, eis uma formula mágica que pode criar outros mundos, manter o nosso e alimentar nossos filhos. Ressalto a importância de gostar daquilo que guardo ao ponto de usá-lo todos os dias até que desapareça. Depois aceitar os melhores lados da pretensão de fazer algo novo a partir de tudo o que não consigo me esquecer.



Pelo excesso de produção de arte (leia-se excesso como número incontável e não como o que cai do copo) não importa a matéria da obra, ela se torna efêmera se não amplia seu alcance. Escolhas são um prazer doloroso e inevitável. Se tenho medo do que me lembro, guardo no cômodo escondido atrás da dispensa; se tenho orgulho do que me lembro, emolduro e idolatro na parede da sala; se tenho medo de me esquecer, faço daquilo um imã de geladeira falante; se tenho ganas de ter sempre junto de mim, como e faço a digestão. Lidar com obras de arte deve dar água na boca, frio no estômago e comichão no baixo ventre; deve dar vontade rir, correr, pular, bater e engolir; deve dar vontade de ler outro livro, ver outro filme, ouvir outra música, conversar com outra pessoa; deve dar vontade de escrever outro livro, gravar outro filme, tocar outra música e reunir os amigos.

Enquanto não decido se esconde, emolduro, enfeito ou mastigo e engulo, faço questão de não deixar isso tudo na solidão. Junto tudo que reúno, ponho lado a lado, por vezes colado pele sobre pele. Em minha estante Elisa pulsa bem humorada e me indica mais dez artistas para pesquisar e torná-los meus.



E lisa é *promessa* em hebraico e no meu acervo ∑ lisa é *somatória*.



Fabiana Pedroni
Rodrigo Hipólito

notamanuscrita.wordpress.com
Dezembro, 2012.